

PAULO FRAGA & TÂMARA UMBELINO

paulo.fraga@ufjf.br; tamaralis02@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, BRASIL

## RIMANDO POR RECONHECIMENTO A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO HIP HOP NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE

### RESUMO

O presente estudo aborda a cultura hip hop em uma cidade de médio porte do interior do Brasil buscando reconhecer como se dá a formação da identidade *rapper* na periferia tomando como referência a forma como um grupo de universitários, moradores das regiões mais ricas da cidade reinterpreta os princípios fundantes do hip hop e como são vistos pelos *rappers* da periferia que, durante muito tempo, tiveram sua identidade definida pelos pilares deste movimento. Trabalhando com os conceitos de identidade e reconhecimento, buscamos compreender como se dá a formação da identidade moderna em um cenário de crescente valorização da individualidade e negligenciamento dos “valores-fortes”, ocasionando enfraquecimento dos valores morais. Levando em conta a importância do reconhecimento de que o contexto social no qual nos encontramos é resultado do curso da história que nos trouxe até aqui. Buscamos compreender de que maneira ações em busca de reconhecimento e valorização de identidades são modificadas por uma ressignificação do que simboliza ser um *rapper*.

### PALAVRAS-CHAVE

Reconhecimento; identidade; hip hop; juventude

---

Nossa pesquisa se fundamenta no reconhecimento da importância da formação de identidades e no trajeto que percorrem em busca de reconhecimento. A constatação de que este vem sendo um caminho cada vez mais solitário e solidificado por escolhas individuais nos faz recorrer a Charles Taylor (1997) para compreender a formação da identidade moderna. Taylor (1997) destaca que o principal problema pode estar no negligenciamento para a formação desta identidade dos chamados “fortes valores” (aqueles ligados diretamente ao valor dado à vida), o que ocasiona um

enfraquecimento e confusão no tocante aos valores morais. O autor salienta que o não reconhecimento das diferenças acaba por garantir a perda de autenticidade, pois é justamente a inferência do sujeito sobre os valores que fazem parte das práticas sociais, que os torna peculiares, proporcionando a formação de identidades.

O negligenciamento das diferenças seria, portanto, um risco de desvalorização de identidade, além de esta nova concepção conferir um caráter utilitário às associações feitas pelos indivíduos de forma a não reconhecer aquelas que não sejam de seu interesse pessoal. Atitude característica de um antropocentrismo radical, perigosamente empobrecedor para as relações sociais (Oliveira, 2006). Taylor sustenta, ainda, que este narcisismo, presente nas sociedades dominadas pelas leis do mercado e pela crescente burocracia, termina por proporcionar o enfraquecimento da iniciativa democrática (Taylor, 2000, p. 112). Esta nova configuração do indivíduo propicia a existência de sujeitos “desconectados” e/ou descompromissados de suas relações sociais. E, por conseguinte, esta nova forma de experimentação do *self* se torna um dificultador para a mobilização social e engajamento em causas coletivas. Cada indivíduo está ocupado em demasia com suas questões pessoais para se interessar por atuações políticas em prol da coletividade.

Taylor (2006) destaca que, como as referências que formam nossas identidades vão se alterando ao longo de nossas vidas, é necessário que a narrativa sobre ela também seja atualizada. Papel assumido, nos nossos grupos estudados, pelos MC's, Mestres de Cerimônia, cronistas da periferia, cuja função é registrar o cotidiano e a percepção desta realidade pelo grupo que a vivência.

Com base nessa reflexão buscamos compreender um fenômeno observado entre os integrantes do movimento hip hop, moradores das periferias de Juiz de Fora, situada na Zona da Mata de Minas Gerais (Brasil), negros e pobres e sua relação com as redes sociais como alternativa de combate à forma desvantajosa de inserção na sociedade capitalista entre universos social e geograficamente tão distantes, como centro e periferia. Interessa-nos conhecer de que forma a identidade dos rappers da periferia é afetada pelo surgimento de um grupo de jovens universitários, moradores das regiões mais ricas da cidade que reinterpretam os princípios fundantes do hip hop. Como são vistos pelos moradores da periferia que, durante muito tempo, tiveram sua identidade definida pelos pilares deste movimento e de que maneira as ações em busca de reconhecimento e valorização de identidades é afetada por uma ressignificação do que simboliza ser um *rapper*.

Para a realização deste trabalho foi feita uma pesquisa etnográfica que teve como referência a posse de hip hop (grupo organizado, formados por grafiteiros, dançarinos, DJ's e MC's), "Café com hip hop" composto por jovens, negros, moradores das periferias da cidade e sua relação com o "Encontro de MC's" formado por jovens moradores da zona central da cidade, universitários, de classe média-alta promovem as "Batalhas de MC's" nas quais dois *rappers* se enfrentam em um desafio de rimas e o vencedor é escolhido pela plateia presente. Entre 2012 a 2015 frequentamos dezenas de eventos promovidos por estes grupos na tentativa de melhor compreender a dinâmica existente entre eles.

Na configuração das posses (a origem do nome faz referência ao fato de tomarem posse de determinada região no bairro ou espaço público), jovens se reúnem com interesses comuns a fim de desenvolverem ações para além de trabalhos artísticos como dança e mostras de grafite. Há um incentivo também para iniciativas que valorizem a comunidade garantindo comunicação efetiva entre os membros que fazem parte dela e também entre os setores formadores de opinião, a quem interessa informar sobre sua visão de mundo.

Com este objetivo os MC's se apresentam como os *griots* modernos, responsáveis por documentar a realidade dos jovens negros e pobres das periferias das grandes e médias cidades mundo afora, em clara referência à casta de músicos africanos contadores de histórias responsáveis por manter viva, através do canto, a trajetória de suas tribos. Com a manutenção da presença e atualização da figura do *griot*, agora como os *rappers*, porta-vozes do movimento hip hop que dominam o cenário periférico nas regiões historicamente ocupadas por negros pobres em diversos países, percebe-se um desdobramento da resistência cultural proporcionado pela escravidão negra: a africanização da cultura metropolitana mundial (Martins, Lima & Barros, 2015).

O MC fala para seus ouvintes em estilo similar àqueles da tradição ancestral da África embora contem (cantem) a história dos tempos atuais numa linguagem próxima do cotidiano. Assim, *signifying* e *toasting* são os nomes dados para a mais moderna forma de *storytelling* que inclui ritmo, o relato de uma história, assim como o de inventar insultos satíricos. As influências da África são atualmente encontradas em muitos tipos de música, por exemplo, dois tipos de sons africanos: o *holler* e o *call-and-response* que representam um papel muito importante no desenvolvimento de muitos tipos de música afro-americana,

incluindo o hip-hop. Frequentemente o som holler (caracterizado pelo chamar, lamentar, resmungar, hesitar) é cantado por pessoas que trabalham além das fronteiras do seu território com a finalidade de comunicar-se com alguém. Os call-and-response (chamar e responder) é outro som africano que se assemelha ao ritmo da conversação. Uma pessoa fala e a outra responde. Isso pode ocorrer entre cantores, entre instrumentos ou entre um cantor e um instrumento. (Santos, 2006, p. 25)

Para compreender como se organizam os grupos formados pelos jovens rappers de classe média e também da periferia, recorreremos a Muniz Sodré (2005) e nos vemos obrigados a reavaliar a noção contemporânea de minoria – assim compreendida como aqueles que pouco têm voz ativa ou capacidade de intervir nas ações tomadas pelas instâncias de poder, sendo menos representados, por exemplo, pelos veículos de comunicação de massa, questão abordada neste estudo.

Mas, ao contrário de ser ponto pacífico, este lugar ocupado pelas minorias pode ser visto como “topos polarizador de turbulências, conflitos, fermentação social” (Sodré, 2005, p. 1). Embora haja o reconhecimento por parte do grupo da sua posição menos favorecida representativamente em diretos na organização social da qual faz parte, este não é um lugar onde se pretende ficar. E deixar de ocupá-lo passa, necessariamente, por uma reconfiguração das relações de poder. Empoderar-se exige transformação de identidades pelo conflito constante causado pela negociação entre as partes. O que se pretende cada vez mais é a garantia de redistribuição de oportunidades e direito a fala (Fraser, 2001), a representação social, e com esta garantia de espaço e visibilidade ao alcance de reconhecimento.

Mais que uma fusão musical com origens na *soul music*, a história do *hip hop* está intimamente ligada à trajetória de resistência e contestação da juventude negra e pobre das periferias das médias e grandes cidades. Por isto mesmo é considerado um movimento “político de contestação e reivindicação exercido por marginalizados sociais dos centros urbanos” (Ribeiro, 2006, p. 15), capaz de mobilizar um grande número de jovens como destaca Santos (2006, p. 19), ao afirmar que “em diversos países, o hip-hop tem servido de hino de libertação para as vítimas do racismo e da pobreza” desde a década de 1960, quando as brigas de gangues eram frequentes nas periferias de grandes cidades norte-americanas, em especial no bairro nova-iorquino do Bronx, habitado, em sua quase totalidade, pela comunidade afro-americana, afro-caribenha e latina. Uma destas gangues era a *Black spades* [espadas negras], conhecida por cometer atos

de vandalismo para demarcar seu território e garantir espaço no bairro. A *Black spades* era comandada por Kevin Donavan, nascido em 1957, negro e muçulmano (Tomassi & Ferreira, 2011) produtor de festas e colecionador de discos. Após assistir ao filme *Zulu* que tem como temática a guerra entre ingleses e negros por posses de terras, Kevin decide se tornar também um “guerreiro zulu” e mudar a realidade da comunidade na qual vivia.

Esta origem pluriétnica do movimento hip hop, surgida da necessidade de autoafirmação de diferentes etnias, é destacada pela pesquisadora norte-americana Tricia Rose (1997). Leitura semelhante a feita pelo próprio Kevin Donavan: “a primeira coisa que o mundo tem que entender é que foi o mundo que deu o rap aos Estados Unidos, porque os Estados Unidos são um caldeirão de misturas raciais” (citado em Rocha, Domenich & Cassiano, 2001, p. 129).

Pouco tempo depois passa a ser conhecido como Afrika Bambaataa (nome inspirado em um guerreiro zulu que enfrenta os ingleses para recuperar seu próprio território) e, em 1979, ao lado do também *rapper* Grandmaster Flash torna o hip hop uma expressão legítima da cultura de rua. Em substituição às brigas de gangues, começava a era da disputa através da música e da dança e a propagação do lema criado por Afrika Bambaataa após sua viagem à África: “peace, unity, love and having fun” (paz, união, amor e diversão). O movimento ganha força e, em 12 de novembro de 1973, é inaugurada a Zulu Nation, primeira e mais famosa “posse” já conhecida (Balbino & Motta, 2006).

## O HIP HOP GANHA AS REDES

Nos últimos anos, assistimos à ascensão do Facebook como o principal software social utilizado por cerca de 102 milhões de brasileiros<sup>1</sup> que têm um perfil nesta rede de relacionamentos cuja lógica de funcionamento consiste na criação e manutenção de laços sociais entre seus usuários. Por isso, exige atenção, atualização, acompanhamento, disposição e habilidade, para que o feedback sempre seja dado aos “amigos” desta esfera do ciberespaço. É um investimento na ligação e um comprometimento com a amizade, deste modo, a rede é alimentada constantemente, mantendo os seus membros vinculados, preferencialmente quase que em tempo integral.

<sup>1</sup> Dados fornecidos pela própria rede social em sua página oficial em 19 de abril de 2016. Disponível em <https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>

É um novo espaço para as “posses” antes conhecidas e reconhecidas não só no bairro onde estão situadas, mas também no “circuito *hip-hop*”. As páginas dos grupos no Facebook podem ser compreendidas como uma versão virtual destas posses. Percebe-se neste caso a força do conceito de “comunidade de sentidos” apresentado por Janotti Jr. (2003) para quem a definição de comunidade já não está necessariamente relacionada a questões geográficas, mas sim tendo como referência o “compartilhamento de valores, gostos e afetos que ressaltam o ideal comunitário” (Janotti Jr., 2003, p. 3). Esses grupos se relacionam com base em critérios que lhes são comuns embora com referências globais, capazes de permitir que os pares se reconheçam.

Os universos online e offline se fundem e se confundem. Durante a pesquisa de campo realizada para este trabalho foi possível ver claramente a relação entre as posses e as páginas de perfil nas redes sociais, em especial no Facebook. Tanto em uma como na outra, o jovem se sente mais à vontade para expressar suas opiniões, tratar de temas de seu interesse imediato e, principalmente, propor soluções para problemas que aflijam sua vida. A posse pode ser compreendida como o local onde as insatisfações pessoais se materializam, e, se materializando, se tornam de todos, ganham força e extrapolam os limites geográficos, ganhando, por exemplo, espaço e adeptos nas redes sociais virtuais.

Para a produção desta pesquisa foi realizado um trabalho de campo com visitas periódicas, presenciais e online, aos dois maiores representantes dos movimentos hip hop em Juiz de Fora. O “Café com *hip hop*”, que reúne os jovens da periferia da cidade e municípios vizinhos e o “Encontro de MC’s”, formado, prioritariamente por moradores das regiões mais ricas da cidade.

Trazemos neste momento os apontamentos feitos por Kehl (2004) ao lembrar Jean-Jacques Rassial para quem a transição para a fase da adolescência/juventude vem acompanhada da necessidade de “objetos transicionais”, responsáveis por tornar mais fácil a adaptação deste novo corpo ao lugar que passa a habitar. Desta forma, os ritos de passagem, cada vez mais escassos nas sociedades laicas, podem agora se apresentar como a frequência ao baile *funk*, ou às “Rodas de MC’s”, por exemplo. Isto sem falar no fato de que cada vez mais estes jovens criam seus próprios ritos. A sedução exercida pelo hip hop é um exemplo disto.

Cada vez mais há um trânsito entre os dois lados e, assim como os jovens da favela querem conhecer a realidade além dos morros, também

os jovens da zona sul, adotam com frequência o “dialeto”, roupas e estilo musical da periferia.

Uma das razões apontadas por Kehl (2004, p. 50) para que isto aconteça pode estar em uma estratégia de proteção, pois em muitas situações pode ser “mais seguro ser confundido com um ‘mano’ do que com um ‘playboy’”. Sem esquecer, no entanto, que neste caso ainda é necessário se preparar para ser “enquadrado” pela polícia.

Mas, muito mais do que se proteger, os jovens da classe média estão se identificando com os marginalizados e assumindo assim uma postura política de inclusão e redistribuição de direitos, “como se só fosse possível encontrar alternativas para a falta de sentido da vida pautada pelo consumo identificando-se com aqueles que não têm recursos para consumir” (Kehl, 2004 p. 51). Ao abrirem mão da segurança oferecida pelo círculo de proteção criado pelas famílias de classe média para proteger seus filhos (condomínios fechados, escolas particulares) estes jovens se permitem conhecer outra realidade.

Muitas vezes, facilitado por um primeiro contato online, os encontros presenciais foram marcados para entrevista em profundidade, nas quais buscamos conhecer como a vivência no movimento hip hop influencia a vida destes jovens.

Procurando compreender como as redes sociais, em especial o Facebook, se transformam em importantes ferramentas para os jovens integrantes do movimento hip hop em Juiz de Fora foram aplicados 102 questionários, dos quais 37,2% mostram que eles se sentem mais à vontade para se expressar nas redes sociais quando comparadas aos meios de comunicação de massa – como rádio, TV, revistas e jornais. O fato de as redes sociais se apresentarem, ainda, como um espaço com maior independência econômica e política, quando comparadas ao rádio, jornais e tv’s, por exemplo, contribui para o fascínio que elas exercem entre os consumidores de notícias mais jovens.

A liberdade proporcionada pelos meios virtuais também foi levada em conta, revelando que 18,6% se sentem com mais espaço para dar suas opiniões e que 3,5% dizem ter maior espaço para fazer suas reivindicações nas redes sociais. Alguns entrevistados (4,7%) citaram os recursos de informação fornecidos pelas redes sociais, o fato de não se sentirem manipulados e também o policiamento tido por eles ao emitir opiniões sobre determinados assuntos. A comunicação nesta rede social online está alicerçada na partilha de contatos, informações, ideias e conhecimentos originados pelos comentários das postagens, pela participação em grupos

de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. O papel de cada um e seu nível de engajamento será fundamental para o sucesso da empreitada.

Durante a pesquisa nas redes sociais dos dois grupos pudemos perceber que por contar com integrantes que cursam as faculdades de jornalismo, publicidade e propaganda e design gráfico entre seus membros, a divulgação dos eventos promovidos pelo “Encontro de MC’s” é muito mais eficiente e profissional do que a feita pelos organizadores do “Café com *hip hop*”. Além de contarem com atualização mais frequente e mais registros fotográficos, em vídeo e áudio de todas as suas ações, com qualidade profissional, eles conseguem reunir maior número de parceiros dispostos a apoiar a realização dos eventos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalharmos a forma como as novas tecnologias, em especial as que se utilizam das redes sociais online, como o site de relacionamentos Facebook, por exemplo, são utilizadas para fortalecer os elementos constituintes da cultura hip hop e alargar os horizontes, aproximando periferias antes distantes, promovendo um novo traçado que liga realidades semelhantes embora geograficamente afastadas e, por isto mesmo, mais enfraquecidas em relação à representatividade social; fomos apresentados a um novo grupo de “rappers”.

Jovens, brancos, ricos, universitários, sem experiências pessoais relacionadas ao cotidiano violento, pobre ou de segregação racial, também reconheceram no modo de vida *rapper* uma experiência que os retrata. Com uma estética que lembra a representação caricatural com a qual historicamente os integrantes do movimento hip hop são reproduzidos em jornais e revistas, eles se tornaram, não raras vezes, porta-vozes do movimento em Juiz de Fora. Compartilhando ídolos, referências musicais e indumentárias, os dois grupos com realidades tão distintas, acabam por se aproximar.

Através da troca de experiências, opiniões e gostos pessoais, os jovens alteram saberes e colaboram para a produção de mais conhecimento. Em relação a tudo o que é postado no grupo de discussão, estes momentos de construção coletiva do saber são pontuais, uma vez que muito material é publicado e nem tudo é debatido. Mas quando o diálogo ocorre é importante para o fortalecimento da identidade do movimento hip hop e para o reforço do laço social entre os membros do grupo que vão suturando suas marcas identitárias.

Esta relação entre os grupos, claramente influenciada pelos veículos de comunicação de massa é afetada de forma inquestionável por mudanças nos padrões de consumo tanto da periferia, que passa a ter acesso a bens e serviços pela primeira vez, como também das elites que, ao transformarem “periferia” em grife, atribuem a ela novo significado e a seus consumidores outro *status*.

Ao passo que, para os jovens da periferia a participação no movimento hip hop é um traço que marca a inclusão e as semelhanças que unem os negros, pobres, vítimas de violência policial de processos excludentes no mercado de trabalho e nas relações sociais; para os jovens de classe média, a participação neste mesmo movimento marca a diferença. Ao assumirem a postura *rapper*, e formatarem suas identidades de maneira bastante diferente da que usualmente se esperava de jovens brancos, universitários, filhos de família de classe média, eles afirmam suas identidades pelas diferenças. E esta escolha afeta, de forma inquestionável, a identidade dos jovens de periferia que são “tentados” a pensar sobre si mesmos. Ao não se reconhecerem no rosto branco de classe média estampado nas capas de jornais como a nova face do hip hop, precisam definir quem são e o que os representa. Mas, é preciso cuidado com o excesso de otimismo causado por esta aproximação para que não se obscureçam os problemas advindos desta nova organização no campo da comunicação. Pois a forte relação entre poder, grupos de pressão e meios de comunicação de massa não pode ser desconsiderada ou reduzida.

Agora o espaço da não-autenticidade, da imitação, do arremedo de realidade é ocupado por quem costuma ditar moda e comportamento. Neste espaço são os jovens periféricos o modelo de comportamento, estética e musicalidade. Há uma inversão significativa de valores, que reorganiza a polaridade e atribuições de sentidos a posturas antes desvalorizadas. No entanto é preciso haver negociações. Os negros e pobres ainda carecem de espaço para tratar de seus dramas cotidianos, mas o movimento hip hop, ao conquistar a classe média se reinventou e se tornou porta-voz de novas reivindicações.

Um dos poucos espaços garantidos para projeção e visibilidade dos jovens negros da periferia passa a ter outros protagonistas. *Griots* responsáveis por denunciar uma realidade de abusos que não viveram e o preconceito racial do qual não são vítimas. De propor a valorização da estética e cultura negra da qual não são oriundos. Um caminho mais tortuoso se apresenta e obriga os integrantes do movimento hip hop a enfrentar barreiras: abrir mão da visibilidade alcançada pelo movimento por não se

considerarem representados pelos novos porta-vozes ou aceitar que se trata de uma identidade em formação e capaz de abarcar uma gama de identidades e referências maior do que as anteriormente consideradas?

## REFERÊNCIAS

- Balbino, J. & Motta, A. (2006). *Hip-hop: a cultura marginal*. Rio de Janeiro: s.e..
- Fraser, N. (2001). Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In J. de Souza (Ed.), *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea* (pp. 245-282). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Janotti Jr., J. (2003). *Aumenta que isso aí é rock and roll: mídia, gênero musical e identidade*. Rio de Janeiro: Editora E-papers.
- Kehl, M. R. A. (2004). Juventude como sintoma da cultura. In R. Novaes & P. Vannuchi (Eds.), *Juventude e sociedade* (pp. 89-114). São Paulo: Editora Perseu Abramo.
- Martins, R., Lima, R. W. & Barros, M. (2015). Cultura de rua e políticas juvenis periféricas: aspectos históricos e um olhar ao hip-hop em África e no Brasil. *Revista FAMECOS*, 22(1), 59-80. DOI: 10.15448/1980-3729.2015.1.20134
- Oliveira, I. de A. R. de. (2006). The contemporary malaise in the perspective of Charles Taylor. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(60), 135-145. DOI: 10.1590/S0102-69092006000100008
- Ribeiro, C. C. R. (2006). *O Movimento hip-hop como gerador de urbanidade: um estudo de caso sobre gestão urbana em Campinas*. Campinas: PUC–Pontífice Universidade Católica.
- Rocha, J., Domenich, M. & Casseano, P. (2001). *Hip hop: a periferia grita*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Rose, T. (1997). Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In M. Herschman (Ed.), *Abalando os anos 90. Funk e hip hop. Globalização, violência e estilo cultural*(pp. 192-212). Rio de Janeiro: Rocco.
- Santos, R. A. M. (2006). *Escola de Comunicações e Artes/ECA. O estilo que ninguém segura-Mano é mano! Boy é boy! Boy é mano? Mano é mano?* Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Sodré, M. (2005). Por um conceito de minoria. In R. Paiva & A. Barbalho (Eds.), *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus.

- Taylor, C. (1994). *Multiculturalism*. Princeton: University Press.
- Taylor, C. (1997). *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Taylor, C. (1998). A política de reconhecimento. In C. Taylor (Ed.), *Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento* (pp. 45-94). Lisboa: Instituto Piaget.
- Taylor, C. (2006). *Imagínarios sociales modernos*. Barcelona: Paidós.
- Taylor, C. (2000). *A política do reconhecimento. Argumentos filosóficos*. São Paulo: Edições Loyola.
- Tomassi, B. C. T. & Ferreira, F. y C. B. (2011). Dos primeiros aos últimos poetas: a intersecção hip hop-Islã. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, 3(2), 30-50. Retirado de [http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/Vol3no2\\_02.BIAFRANCIROSY.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/Vol3no2_02.BIAFRANCIROSY.pdf)

Citação:

Fraga, P. & Umbelino, T. (2019). Rimando por reconhecimento a trajetória do movimento *hip-hop* na construção de sua identidade. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 529-539). Braga: CECS.